

## **Notas sobre o Professor Rafael Moreira**

### Notes on Professor Rafael Moreira

*Rodrigo Espinha Baeta*

Apesar de conhecer e admirar boa parte da vasta obra do Professor Rafael Moreira há bastante tempo, o primeiro contato que tivemos foi por sua iniciativa – uma surpresa e uma grande honra para mim.

Creio que meu amigo e Professor da Universidade Federal do Ceará, Clóvis Jucá Neto, que na época estava fazendo pós-doutorado em Portugal, havia comentado sobre minha produção acadêmica, o que interessou ao professor. Após ler algum artigo ou livro meu (não me lembro qual), o professor pediu meu e-mail para outro grande amigo, bem conhecido aqui desta revista, o Professor da Universidade Federal de Minas Gerais, Magno Mello – e fez o contato no início da pandemia, em 2020.

Desde então, e até nos conhecermos ao vivo em Madrid – mesmo que brevemente, no *III Congresso Internacional da Associação Iberoamericana de História Urbana* –, foram dezenas de agradáveis e produtivos e-mails trocados.

Nestas mensagens, o querido professor sempre apontou caminhos eruditos, inovadores e conexos para o debate sobre a história da arte, da arquitetura e da cidade, em conversas que às vezes se estendiam por algumas horas.

Não preciso dizer o tanto que aprendi nestes bate-papos, tão consonantes, em seu conteúdo, ao contributo acadêmico dado pelo professor à história e à crítica.

A meu ver, o Professor Rafael Moreira supera qualquer outro pesquisador quando trata da circulação e da reverberação dos aportes culturais, artísticos,

arquitetônicos e de formação de núcleos urbanos lusitanos em um contexto de globalização que se consolida (muito por conta dos portugueses) a partir do século XV.

Nos tempos atuais, onde se inflamam os ideais do anticolonialismo, os princípios da anticonquista e o conceito de decolonialidade, é possível perceber frequentemente, no discurso acadêmico contemporâneo, uma progressiva repulsa às investigações que envolvam as experiências dos colonizadores como catalisadoras de novas realidades culturais.

Busca-se, a todo tempo, uma suposta autonomia das produções locais em relação às nações dominadoras; ou se estabelece um discurso que apenas qualifica aquelas expressões artísticas, arquitetônicas ou urbanas que demonstrem absoluta independência criativa frente às metrópoles, não importando a qualidade das produções analisadas – algo, de fato, impossível.

Se excluirmos estas filiações inflexíveis e radicais ao debate decolonial, ou aquelas assumidas por puro modismo – como alertava o próprio professor durante o curso *Paisagem, Cidade e Arte: África, Ásia e Brasil Global*, ministrado no âmbito da disciplina *Arqueologia da Paisagem: metodologias em Geo-História e Humanidades Digitais*, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU-USP, a convite da Professora Beatriz Bueno –, estes princípios, que estão sendo desenvolvidos já há algum tempo, podem trazer muitas contribuições relevantes à história e à crítica da arte e da arquitetura nos territórios conquistados e colonizados.

Porém, eu prefiro o caminho traçado nos anos 1940 pelo ensaísta cubano Fernando Ortiz, em seu livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*: o conceito da transculturação, princípio adaptado ao plano da teoria da arquitetura latino-americana pelo arquiteto e crítico argentino Ramón Gutiérrez.

O fenômeno da “transculturação” surge na época como princípio alternativo à ideia disseminada de “aculturação”: juízo vinculado ao processo de formação da identidade cultural dos povos colonizados, mas que traria a noção de

uma transferência puramente vertical dos valores sociais, econômicos, religiosos, morais, éticos, artísticos, arquitetônicos, provenientes das metrópoles dominadoras, frente ao desolado cenário conquistado e diante dos povos que lá habitavam.

Pelo contrário, para o conceito de “transculturização”, são inevitáveis as trocas de experiências entre todas as sociedades, todas as civilizações – europeias, nativas, africanas, orientais – que participariam da intrincada trama de acontecimentos que permearia a composição das novas identidades pós-conquista. Ou seja, mesmo admitindo que, em um primeiro momento, estas transmutações teriam sido abertamente assimétricas em favor das culturas colonizadoras, o resultado posterior destes processos – destas ações que provocariam, inevitavelmente, uma complexa combinação entre distintas realidades culturais – seria a constituição de modernas civilizações que não seriam a simples extensão das sociedades dominadoras; nem se confundiriam com a direta continuidade do universo cultural que caracterizaria os povos subjugados; também não se configurariam como a fusão imediata, bem como a elementar miscigenação, entre as culturas que se encontrariam nos territórios dominados, culturas em constante processo de colisão e conflito. Na verdade, mesmo sendo geneticamente herdeiras dos colonizadores e dos colonizados, a sociedade colonial apresentaria características próprias, que extrapolariam o legado peninsular e nativo: seriam novas culturas; inéditas sociedades.

Se analisarmos o discurso do Professor Rafael Moreira, percebemos, a meu ver, plena consonância em relação a estes princípios.

A partir de uma clara demonstração de uma circulação global de eruditas teorias e práticas portuguesas concernentes à produção artística, arquitetônica e urbana – discurso que pode incomodar os adeptos mais inflexíveis dos princípios de decolonialidade –, o professor revelava como é natural as adaptações locais e as reinvenções de formas devidas às diferentes experiências culturais autóctones: a circulação global de conceitos e práticas de Portugal para as colônias, das

colônias para Portugal, e mesmo das colônias para as colônias – como demonstrava tão bem em relação à chegada de elementos compositivos orientais no Brasil.

Logo, a contribuição do Professor Rafael Moreira foi e é das mais pertinentes e necessárias, inclusive para se levantar e debater as peculiaridades e transmutações locais das formas coloniais.

Neste sentido, o falecimento do Professor Rafael Moreira, no dia 09 de fevereiro de 2025, deixa uma lacuna que não poderá ser preenchida – especialmente para aqueles que amam a história da arte, da arquitetura e da cidade. Mas o seu legado está consolidado através das suas centenas de publicações e de seus orientandos – professores e pesquisadores do mais alto nível e de grande influência para o atual desenvolvimento da disciplina da história da arte.